
Editorial

Uma das tarefas da Psicopatologia Fundamental é a de permitir o avanço da nosologia, da nosografia e da técnica psicoterapêutica freudiana para além do que Freud escreveu, incorporando novas experiências e saberes da biologia, da medicina, da psicologia, da filosofia, da antropologia e, principalmente, das atividades clínicas que sejam relevantes para o tratamento do sofrimento humano. Assim, pretende-se retirar a psicoterapia e a própria psicanálise de uma posição “congelada” que foi observada, já em 1989, pelo Professor Doutor Othon Bastos em importante artigo denominado “Psiquiatria brasileira: ontem, hoje e amanhã”, publicado em *Temas. Teoria e prática do psiquiatra*, (São Paulo, vol. 19, nº 36, janeiro/junho de 1989, pp. 5-12) em que escreve:

O saber psicanalítico, isto é, a doutrina freudiana e o método psicanalítico, apesar de suas valiosas influências nos campos da Psicologia Médica, do movimento psicossomático, da reforma do modelo assistencial psiquiátrico, da implantação da Psicoterapia Institucional e das diversas formas de psico e socioterapias, permaneceu como que ‘congelado’ ao longo dos últimos 50 anos que sucederam ao desaparecimento de Freud, não obstante as importantes contribuições de M. Klein, dos culturalistas, dos psicolingüistas, de Bion, de Lacan e outros, a espera de um novo sistematizador, que venha atualizar os conhecimentos psicanalíticos à luz dos recentes aportes científicos, trazidos pelas ciências básicas e experimentais. (p. 6)

De fato, na Psicopatologia Fundamental há muito sendo feito e há muito por ser feito. Tome-se, por exemplo, temas como a dor, a depressão, os autismos, a técnica psicoterapêutica da psicose paranóica, da esquizofrenia e da melancolia, o vasto campo da psicossomática, a toxicomania que pouco ou nada foram tratados por Freud e que vêm sendo amplamente desenvolvidos a partir de então. Um outro promissor campo de pesquisa que vem sendo desenvolvido a partir de meados dos

anos 40 é o dos casos-limite ou *bordeline*. As contribuições para o avanço da técnica também têm sido notáveis e têm permitido exitosas intervenções psicoterapêuticas em situações que estavam longe de ser visualizadas por Freud e pelos seus colegas pioneiros.

Porém, o eminente Professor Bastos tem razão. O diálogo da Psicopatologia Fundamental com os recentes aportes científicos trazidos pelas ciências básicas e experimentais ainda está longe de ser produtivo apesar de esforços realizados na França por D. Widlöcher e Pierre Fédida entre outros.

No Brasil, a preocupação da psiquiatria em se constituir como campo específico, distinto da tradição psicoterapêutica psicanalítica, ainda que tenha servido para um importante mergulho na genética, na neurologia e na psicofarmacologia – áreas do saber que muito se desenvolveram nos últimos anos – tem resultado, também, num grande afastamento da tradição médica da escuta e do tratamento de doentes. Assim, a psiquiatria está correndo o grave risco de se transformar, por um lado, num campo de pesquisa básica experimental e, por outro, numa agência medicamentosa onde os psiquiatras, pouco a pouco, deixam de se distinguir dos farmacêuticos que, nos balcões de suas casas comerciais, receitam o que melhor crêem que há para o sofrimento de seus clientes, apesar dos avisos estampados nas caixas dos remédios.

Recentemente, diversos artigos e livros publicados na Europa e nos Estados Unidos têm chamado a atenção para a importância da psicoterapia que acompanha a medicação com remédios. Esses trabalhos são unânimes em dizer que só a ingestão de drogas é insuficiente para o eficaz tratamento do sofrimento psíquico e que essa prática “especializada” pode provocar não a cura, mas a drogadição.

Está, pois, mais do que na hora de os psicanalistas se darem conta que o afastamento do tratamento do sofrimento psíquico em favor de encastelamentos institucionais preocupados com a formação e com uma possível reserva de mercado que essa prática tende a gerar, com posições ditas ortodoxas ou irrepreensíveis, e com um linguajar que tende a produzir, em vez de compreensão, alienação, tem produzido um correspondente afastado da tradição médica que possibilitou a Freud criar a psicanálise e dos psiquiatras se afastarem da pesquisa básica e da administração pura e simples de remédios retornando para uma tradição do tratamento fundado na escuta e no reconhecimento do doente como sujeito.

Em resumo, é na prática da rica e longa tradição médica inaugurada pelos psiquiatras do século XIX, sem ignorar as enormes conquistas realizadas no século XX, que tanto psicanalistas como psiquiatras poderão se reencontrar juntando os esforços necessários para um tratamento mais humano do sofrimento psíquico e para uma melhor compreensão desse mesmo sofrimento, no próximo milênio.